

## **AGUIAR, Aristeu Borges de**

\*pres. ES 1928-1930.

*Aristeu Borges de Aguiar* nasceu em Vitória a 23 de maio de 1892, filho de Augusto Manuel de Aguiar e de Luísa da Silva Borges de Aguiar. Seus pais pertenciam a importantes famílias capixabas, os Borges, influentes na política da Serra, e os Aguiar, espalhados por Vitória, Vila Velha e Serra, com políticos de âmbito estadual.

Fez os primeiros estudos na escola do professor Amâncio Pereira em Vitória e iniciou o curso secundário no Colégio Aristides Freire, na mesma cidade, concluindo-o no Colégio São Vicente de Paulo, em Petrópolis (RJ). Em seguida, ingressou na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1915. No ano seguinte foi nomeado procurador público de Vitória e exerceu o cargo até 1918, quando foi nomeado professor de história do Ginásio Estadual do Espírito Santo – para o qual posteriormente prestaria concurso defendendo tese sobre a política externa do Brasil. Em 1920, ano tumultuado na política capixaba, foi nomeado procurador geral do estado e tornou-se redator-chefe do jornal oficial *Diário da Manhã*. Sendo membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1921 participou da fundação da Academia Espírito-Santense de Letras. Destacando-se como professor, admirado pelos estudantes, de 1921 a 1926 foi diretor do Ginásio Estadual.

Em 1926, no governo de Florentino Avidos, foi nomeado secretário da Instrução Pública e, logo depois, secretário da Presidência. No ano seguinte, foi lançado candidato à presidência do estado pelo Partido Republicano Espírito-Santense (PRES), único existente no estado. Nunca desempenhara um mandato eletivo nem se envolvera na política partidária, mas era homem de confiança da cúpula do PRES e gozava de excelente reputação por sua honestidade, correção e cultura. Sua candidatura foi bem recebida pela opinião pública e pelo partido. Eleito sustentando uma plataforma de governo na qual se comprometia a dar continuidade às obras iniciadas na gestão anterior e a priorizar a educação, a saúde e a ordem públicas, bem como o desenvolvimento econômico do estado, tomou posse a 30 de

junho de 1928. A formação de seu governo despertou as primeiras críticas que recebeu, pois nomeou diversos parentes para os principais cargos. Embora fossem todos bem conceituados e considerados competentes para as funções que exerceriam, o nepotismo, prática generalizada na Primeira República, já era condenado no final do anos 1920.

Seu primeiro ano de governo foi de grande atividade e muitas realizações. Deu prosseguimento à reforma urbana de Vitória, com demolição de casas, realinhamento e pavimentação de ruas e praças; concluiu e iniciou várias estradas, continuou as obras do porto de Vitória etc. Foi criada a Bolsa de Comércio do Café, com instalações e aparelhamento de primeira qualidade, o que deu grande impulso à comercialização do café no estado. A iniciativa mais audaciosa se deu na área da educação, conduzida pelo secretário Atílio Vivacqua. Foi iniciada uma verdadeira revolução nos métodos e objetivos do ensino, seguindo as diretrizes da Escola Nova, movimento inovador que teve grande influência no país e inspirava as primeiras experiências naquele momento.

#### A REVOLUÇÃO DE 1930

Em meados de 1929, a tranquilidade política teve fim com o surgimento da Aliança Liberal, movimento liderado pelos governos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba que lançou as candidaturas do gaúcho Getúlio Vargas e do paraibano João Pessoa à presidência e à vice-presidência da República contra Júlio Prestes, candidato do presidente Washington Luís e, como ele, paulista. A campanha tomou a feição de contestação à hegemonia que a oligarquia paulista exercia no país. Estreitamente ligado aos paulistas e ao presidente da República, Aristeu de Aguiar não apoiou o movimento. A Aliança Liberal obteve poucos, mas ainda assim importantes apoios no Espírito Santo, como os do deputado federal Geraldo Viana, do deputado estadual Fernando de Abreu e do jornal *A Gazeta*, de grande penetração no estado, que passaram a fazer aguerrida oposição aos governos federal e estadual.

Em outubro de 1929 estourou a crise econômica internacional e, com ela, veio a queda acentuada do preço do café e das exportações. O Espírito Santo foi logo atingido; caíram as

receitas e, como a dívida pública havia sido organizada desde o governo anterior na expectativa de manutenção da prosperidade, Aristeu se viu a braços com sérias dificuldades financeiras, sem recursos para prosseguir as obras que realizava e para pagar os compromissos. A oposição soube explorar a situação, enquanto a campanha da Aliança Liberal conquistava simpatias entre as camadas médias. O que provocou um forte sentimento contrário a Aristeu foi o comício realizado por uma caravana da Aliança Liberal em Vitória em fevereiro de 1930. As autoridades não permitiram a realização do ato numa praça espaçosa e aberta do centro da cidade, liberaram uma pequena praça com poucos acessos e cercaram a área com a cavalaria da polícia. O comício atraiu muitos curiosos e até adversários, incluindo altas autoridades do governo, além dos partidários da Aliança, todos interessados em ouvir os oradores. Quando o discurso se tornou mais agressivo, apagaram-se as luzes e ouviram-se tiros. A multidão, encurralada, invadiu os prédios vizinhos. Houve muitos feridos e alguns mortos. Por mais que o governo procurasse negar sua responsabilidade, atribuindo os tiros à oposição, a opinião pública se voltou contra ele.

Quando Júlio Prestes venceu a eleição, em março de 1930, a Aliança Liberal não aceitou a derrota e promoveu uma campanha de protestos e tentativas de impugnação, ao mesmo tempo em que se intensificavam as conspirações revolucionárias. Aristeu estreitou os laços com Washington Luís e recebeu o apoio da Associação Comercial, alarmada com a ameaça de subversão da ordem. Porém o projeto revolucionário ganhou adesões, e, quando o corpo João Pessoa, que fora assassinado, passou por Vitória a caminho do Rio, os conspiradores levaram uma pequena multidão ao navio.

No início de outubro, quando a revolta estourou, chegou ao estado um reforço militar enviado pelo governo federal a fim de organizar a defesa, mas entre seus componentes havia oficiais partidários da revolução, como o capitão João Punaro Bley, e estes logo se articularam com os aliados que tinham nas forças militares sediadas no estado, e também na polícia militar, e traçaram um plano estratégico. As tropas revolucionárias partiram de Minas Gerais em várias colunas e penetraram no Espírito Santo sem encontrar resistência, avançando em direção à capital. Somente então Aristeu compreendeu que havia sido traído.

Levar a luta para Vitória significava torná-la inviável.

A notícia da aproximação dos invasores provocou forte temor na cidade. Os moradores começaram a fugir, e a Associação Comercial, representante da classe dominante, procurou Aristeu manifestando sua preocupação e pressionando-o para que entrasse em acordo com os revolucionários a fim de evitar uma “resistência inútil”. No dia seguinte, 16 de outubro, Aristeu deixou o palácio e embarcou com a família num navio italiano com destino ao Rio. Alegou mais tarde que ia ao encontro de Washington Luís em busca de apoio para defender a capital, mas tratava-se incontestavelmente de uma fuga, e assim foi interpretada por todos, inclusive Washington Luís, que enviou ordem para que o navio se dirigisse à Bahia.

Essa fuga provocou indignação geral e destruiu a reputação de Aristeu no estado. O governo federal ainda tentou promover a resistência, em vão. No dia 18 de outubro as tropas revolucionárias mineiras tomaram Vitória e, no dia seguinte, uma junta governativa tomou posse. Aristeu passou então a morar no Rio de Janeiro. Foi diretor do serviço jurídico da General Electric e presidente da Financiadora Sociedade Anônima. Fez parte também do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 1º de setembro de 1951.

Foi casado com Nair de Freitas Barbosa.

*Nara Saletto*

## FONTES

ACHIAMÉ, F. *Espírito Santo*; DERENZI, L. *Biografia*; *Diário da Manhã* (1928-1930); *Gazeta* (1928-1930); RIBEIRO, F. *Academia*; WANICK, F. *Aristeu*.